



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO, EDUCAÇÃO
E INCLUSÃO ESCOLAR – UnB/UAB**

**SAÚDE VOCAL DO PROFESSOR EM SUA ATUAÇÃO COM
CRIANÇAS DE DESENVOLVIMENTO ATÍPICO**

STAEI VIANNA VALENTE

ORIENTADOR (A): ANA CECÍLIA FERREIRA DE AMORIM

BRASÍLIA
2015



Universidade de Brasília

Universidade de Brasília – UnB

Instituto de Psicologia – IP

Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED

Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS

STAEL VIANNA VALENTE

SAÚDE VOCAL DO PROFESSOR EM SUA ATUAÇÃO COM CRIANÇAS DE DESENVOLVIMENTO ATÍPICO

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, do Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano – PED/IP – UnB/UAB.

Orientador (a): Ana Cecília Ferreira de Amorim

BRASÍLIA
2015

TERMO DE APROVAÇÃO

STAEL VIANNA VALENTE

SAÚDE VOCAL DO PROFESSOR EM SUA ATUAÇÃO COM CRIANÇAS DE DESENVOLVIMENTO ATÍPICO

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar – UnB/UAB.

Apresentação ocorrida em ___/___/2015.

Aprovada pela banca formada pelos professores:

ANA CECÍLIA FERREIRA DE AMORIM (Orientadora)

NOME DO EXAMINADOR (Examinador)

BRASÍLIA
2015

DEDICATÓRIA

Dedico este estudo a todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para que se lograsse êxito na execução deste trabalho, principalmente aos professores que contribuíram sobremaneira durante as discussões no decorrer do curso.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por conseguir concluir mais uma etapa em minha vida.

Aos meus pais que tanto me incentivaram para o estudo desde criança.

Aos coordenadores, professores e tutores desta instituição sempre dispostos a nos orientar em cada degrau a ser alcançado no decorrer deste curso.

Aos mestres que colaboraram para que esta pesquisa se realizasse.

Aos colegas da turma de Ipatinga que caminharam junto comigo neste patamar tão significativo da minha vida: estudar o processo de inclusão.

Aos amigos e familiares que souberam entender a minha ausência em alguns momentos.

RESUMO

A qualidade da saúde vocal, em especial dos professores, depende basicamente de se ter conhecimento de como acontece sua produção, de hábitos saudáveis como uma forma de prevenção. Nesse sentido o presente estudo tem como objetivo refletir sobre os aspectos que interferem na saúde do professor, principalmente àqueles que atuam com crianças com desenvolvimento atípico, com enfoque às alterações vocais que acometem estes profissionais. Para tanto foi realizada uma pesquisa de campo com 06 (seis) professores da rede pública que atuam em sala de aula de ensino regular e aqueles que desempenham atividades na Sala de Recursos, no Atendimento Educacional Especializado (AEE) com alunos de Desenvolvimento Atípico. Apesar disso, enfatizou-se a importância da preparação do professor para a manutenção de uma boa saúde vocal, bem como uma melhor preparação para os profissionais que atuam com crianças com necessidades educacionais especiais (NEE).

Palavras-Chave: Trabalho Docente. Saúde Vocal. Desenvolvimento Atípico.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	8
1.1 Construindo conceitos sobre os fenômenos de pesquisa	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	13
2.1 Conceito de Saúde.....	13
2.2 Saúde do Professor	14
2.3 Disfonias	16
2.4 Saúde Vocal do Professor	18
2.5 Crianças com Desenvolvimento Atípico.....	21
3 OBJETIVOS	24
3. 1 Objetivo Geral	24
3. 2 Objetivos específicos	24
4 METODOLOGIA.....	25
4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia.....	25
4.2 Contexto da Pesquisa	26
4.3 Participantes	27
4.4 Materiais	27
4.5 Instrumentos de construção de dados	28
4.6 Procedimentos de Construção de dados	28
4.7 Procedimentos da Análise de Dados	34
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	42
APÊNDICE	45
APÊNDICE A – Entrevista realizada com professores.....	45
ANEXOS	47
ANEXO A – Aceite Institucional	47
ANEXO B – Carta de Apresentação	48
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Dados dos Professores Regentes.....29

Quadro2- Dados dos Professores da Sala de Recursos.....31

1 APRESENTAÇÃO

Todo ser humano possui uma voz única que não é apenas uma mera ferramenta de comunicação, pois carrega traços de sua faixa etária, sexo, tipo físico, personalidade e estado emocional. No entanto, para alguns ela representa muito mais do que isso. Professores, atores, repórteres, cantores e outros profissionais têm na voz uma indispensável ferramenta de trabalho, e precisam estar atentos aos cuidados que devem adotar para não prejudicá-la (OLIVEIRA, 2013).

Nessa perspectiva, vale salientar que a saúde vocal depende de vários fatores: ter conhecimento de como acontece sua produção, saber de hábitos saudáveis para mantê-la como uma forma de prevenção de futuros incômodos e também de hábitos nocivos dando ideia ao indivíduo de fatores prejudiciais a sua voz. Sobre isso, acrescenta Oliveira (2013, p. 01):

No caso de professores, as alterações emocionais decorrentes dos problemas de voz, somadas ao stress ligado à ocupação – rotina desgastante, falta de reconhecimento da profissão, fatores organizacionais do trabalho, carga horária excessiva, ambiente ruidoso, entre outros – podem ainda piorar ou perpetuar o quadro da disfonia.

Portanto, destaca-se que a saúde vocal representa para o professor algo de muito valor, sendo considerado seu principal instrumento de trabalho. Em especial, para aqueles profissionais que atuam com crianças com Necessidades Educacionais Especiais (NEE). Pois, sabe-se que no dia a dia deste educador existe na maioria das vezes a necessidade de usar estratégias com repetições verbais e de várias formas a fim de conseguir provocar o aprendizado na criança. Nota-se, que a criança com Necessidades Educacionais Especiais requer abordagens singulares a fim de estimular áreas cerebrais que facilitam seu aprendizado (GOMES e BRITO, 2006).

Desta forma, o bem-estar vocal garante ao docente um bom desempenho em suas atividades escolares, no qual facilita-se aos seus alunos condições de entender o que é ministrado em várias situações criadas por eles nos diversos contextos.

Observa-se assim que o ambiente escolar requer do profissional da educação muito mais atribuições que há alguns anos atrás, portanto, aumentam-se as responsabilidades e este trabalhador passa a utilizar muito mais a sua voz. Não há tempo de um repouso vocal já que nas outras atividades necessita de estar falando.

Ao longo da trajetória profissional como fonoaudióloga, foi possível vivenciar experiências com a reabilitação de professores com problemas vocais. Em 1989 os professores não tinham orientação quanto ao uso adequado da sua voz. Hoje muitos profissionais da educação já recebem orientações através de cursos e palestras e avaliações com otorrinolaringologistas. Quando são nomeados em redes públicas são submetidos a exames periciais para verificar seu desempenho físico quanto à emissão vocal demonstrando aptidão ou não para o cargo.

Mesmo assim, na atual conjuntura onde o acesso à informação é praticamente imediato com o advento da tecnologia, questiona-se porque ainda persistem as frequentes ocorrências de inúmeros casos de *disfonia* em docentes. Salienta-se que *disfonia* é o principal sintoma de distúrbio da comunicação oral, no qual a voz produzida apresenta dificuldades e limitações em cumprir seu papel básico de transmissão da mensagem verbal e emocional do indivíduo (BEHLAU, 2001).

Em outra experiência recente em ambiente escolar de ensino fundamental foi possível perceber dois aspectos: o primeiro vai de encontro novamente as disfonias também muito presentes neste ambiente. Por que os professores continuam não se preocupando com seu instrumento de trabalho? O segundo, com relação à inclusão das crianças com NEE, uma realidade crescente nos espaços de escolas de ensino regular. Pôde-se observar que a maioria dos professores não possui preparo nenhum para trabalhar com estas crianças e assim as mesmas ficam isoladas e excluídas na sala de aula. O que está acontecendo neste ambiente já que os professores estão sempre fazendo atualizações em sua área? Tal fato causa certa apreensão, pois muitas crianças estão deixando de ter acesso ao conhecimento e a íntima relação com o outro, conforme prerrogativas legais vigentes.

Referindo as crianças com NEE são aquelas de desenvolvimento atípico e que necessitam de métodos, recursos e procedimentos especiais durante o seu processo de ensino e aprendizagem (PEREIRA, 2011).

Diante das considerações apresentadas e como cursista de especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, houve o despertar para a realização da presente pesquisa, que tem como principal alvo, os professores que tem atuado com crianças especiais. Esta pesquisa foi delineada e traçada conforme apresentação no tópico seguinte.

1.1 Construindo conceitos sobre os fenômenos de pesquisa

Atualmente falar em conhecimento científico nos leva em primeiro lugar a entender o que é ciência, ou seja, ter conhecimento ou saber sobre. Quando se tem conhecimento, asseguramos alguma informação ou saber algo sobre a realidade (MACIEL e RAPOSO, 2010).

De acordo com Carvalho (2000), existem três perspectivas em que a pesquisa pode se direcionar: empírica, onde ocorre a primazia do objeto em relação ao sujeito; racionalista, a primazia é do sujeito ou sua atividade em relação ao objeto; e a interacionista onde o conhecimento é construído no processo de interação entre sujeito e objeto.

Portanto, o que pode se tornar um projeto de pesquisa é a investigação sobre o fenômeno do grande número de disfonias em professores, dando ênfase principalmente àqueles que atuam com crianças de desenvolvimento atípico. Portanto, este é o tema ou problema do presente estudo.

Vale destacar ainda que o conhecimento científico tem sua natureza não imediata e nem se contenta com informações superficiais da realidade. Procura as possíveis causas de determinado acontecimento. Nesse sentido, para construir esta pesquisa será necessário se utilizar de tendências metodológicas, que são os motivos que levam o autor a escolha de certa forma de fazer ciência. E também é teórica porque necessita de pressupostos que tragam os fundamentos para o modo de executar a pesquisa. Estas tendências poderiam ser todo o material mais atualizado que falem sobre a voz dos professores, sua saúde física e vocal e atuação dos professores nas salas de aula e de atendimento especializado.

Nesta sequência frisa-se que os resultados de uma pesquisa, que na ciência moderna são considerados um exercício de intersubjetividade, garantem que o conhecimento está sendo discutido e qualquer outro cientista pode acessá-lo. Assim, diante do material estudado das abordagens mais significativas para o tema proposto, há uma discussão para se chegar a um resultado, podendo ser ou não satisfatório ao pesquisador, concluindo-se assim a pesquisa (SOUZA, BRANCO e OLIVEIRA, 2008).

A escolha do tema baseou-se na necessidade de estudos e conhecimentos atuais relacionados à saúde do professor, a qual foi observada fragilizada dentro do ambiente de trabalho. Para tanto, considera-se ainda que a ideia desta pesquisa

surge de alguns questionamentos no decorrer da experiência profissional. Estes questionamentos se referem à saúde vocal do professor em sua docência com a possibilidade de relacioná-las as crianças de desenvolvimento atípico. Os problemas de saúde do professor poderiam ser causados pelo mau uso da voz causando seu afastamento da sala de aula, por ser impossível atuar sem seu instrumento de trabalho ou pelo excesso de carga horária sendo inviável à voz humana.

Pode-se pensar também que a falta de preparo do professor para atuar com as crianças com NEE, a falta de apoio da comunidade escolar, a dificuldade de convivência no trabalho e o excesso de atividades dentro da escola, leva-o a desenvolver distúrbios de origem psicossomática.

As possibilidades de o professor adoecer poderiam ser: dificuldade de convivência no ambiente de trabalho, falta de habilidade para executar seu ofício, mau uso da sua voz e problemas de saúde na vida familiar.

Outras razões do adoecimento docente seriam sofrer pressões por mudanças na administração pública. Pode-se ainda pensar que alguns fatores acontecem simultaneamente levando a problemas psicológicos.

Logo, o resultado desta pesquisa poderá contribuir para a preparação dos professores quanto aos parâmetros fundamentais na sua saúde vocal na atuação com crianças com NEE. Outro fator que este estudo contribui é a reflexão da escola para a formação dos professores oportunizando meios de desenvolvê-la formalmente. Este trabalho contribui também para a conscientização das próprias instituições que formam professores, passem a ofertar disciplinas que contenham orientações vocais.

Esta pesquisa poderá contribuir ainda para a organização do trabalho do docente dentro do ambiente escolar, possibilitar a sua formação para alunos inclusivos junto à direção da instituição, proporcionar apoio em equipe para atuar com estas crianças, aprimorar ou dar conhecimentos sobre o uso vocal também junto à direção escolar e o apoio emocional ao docente em vivência de fatores sociais complexos. Todos estes aspectos se cuidados contribuem para uma boa saúde do professor.

A investigação será realizada inicialmente através de um levantamento bibliográfico de artigos, revistas e outras produções científicas. Portanto, busca-se subsídios na literatura que evidenciam o afastamento do professor por problemas de saúde relacionados à sua atuação profissional, ao surgimento também de problemas

vocais que ocorrem de sintomas psicossomáticos como também correlacioná-los as dificuldades do docente na sua atuação com crianças que necessitam de estratégias de aprendizagem nas suas especificidades pedagógicas dentro de uma escola. Em seguida a esta etapa procede a procura de dados na pesquisa de campo.

O segundo capítulo deste trabalho retrata o conceito de saúde encontrado na atualidade, e o de disfonias que representam uma dificuldade de comunicação nos indivíduos (sobretudo nos docentes). No mesmo capítulo faz-se um levantamento de aspectos que interferem na saúde dos professores, como também da saúde vocal do professor, principalmente naqueles atuantes em salas de recursos. O terceiro capítulo traz os objetivos geral e específicos, os quais motivaram a realização desta pesquisa. O quarto capítulo descreve os aspectos da metodologia qualitativa adotada nesta pesquisa.

Portanto, para alcançar o objetivo proposto pela pesquisa busca-se uma reflexão sobre aspectos que interferem na saúde vocal do professor atuante com crianças que apresentam necessidades educacionais. Seguiremos com a fundamentação teórica.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para compor o presente estudo fez-se necessário uma abordagem teórica sobre os principais conceitos que incidem sobre o tópico de análise para um melhor entendimento e direcionamento da pesquisa. Ou seja, um resgate teórico que colabore com a compreensão sobre a saúde do professor em sua atuação com crianças de desenvolvimento atípico.

2.1 Conceito de Saúde

A Organização Mundial da Saúde (OMS, 2011), define saúde como sendo o estado de completo bem-estar físico, mental e social. Ou seja, o conceito de saúde transcende à ausência de doenças e afecções. Por outras palavras, a saúde pode ser definida como o nível de eficácia funcional e metabólica de um organismo a nível micro (celular) e macro (social).

Nessa perspectiva, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2011), o contexto atual em que o ser humano vive em meio às agitações, com inquietações, questionamentos sobre fatos de sua vida, principalmente econômica, desgastes mentais com frequência, tem levado o sujeito ao cansaço e a sofrimentos psicossomáticos. Este é o lado psíquico da saúde que advém deste contexto. No equilíbrio neuropsíquico é importante o indivíduo estar bem adaptado às condições de vida dentro do ambiente em que vive, sendo este o bem-estar mental; e respostas ou afastamento as exigências do meio e dependendo principalmente das condições socioeconômicas do grupo humano onde se vive, corresponde ao bem-estar social. Havendo desequilíbrio nestes últimos aspectos não ocorre o bem-estar social, gerando uma falta de harmonia entre a saúde física e mental que perduram por um longo tempo (OMS, 2011).

Com esta mesma visão, Scliar (2007) em sua pesquisa relaciona que o conceito de saúde pertence a um conjunto: do social, econômico, político e cultural. Considerando assim que a saúde não é a mesma coisa para todos os indivíduos, apresentando a dependência desta com a época, o lugar e a classe social. Havendo dependência também de valores de cada indivíduo, de concepções da religião, da filosofia e da ciência.

Ainda de acordo com esse autor, ao longo da história da humanidade, a princípio o conceito de saúde se restringia apenas a não possuir doença, relacionando apenas o bem-estar físico. Com a evolução da humanidade ao longo dos tempos o conceito passa a agregar outros aspectos e que a saúde depende de ações preventivas, de promoção, ela é um direito e dever do Estado (SCLIAR, 2007).

Portanto, percebe-se que a saúde saiu de seu lado individual e apenas físico para enredar com outros aspectos da vida do ser humano.

Desta forma, a saúde passou a ter valor coletivo, devendo ser assegurada a todo indivíduo sem discriminações, cada um deve usufruir dela de forma individual e sem prejuízo para outros e de modo solidário com todos.

2.2 Saúde do Professor

Atualmente em nosso país, as políticas educacionais têm passado por significativas reformas. A busca concentra-se em ampliar o atendimento educacional. Para tanto, a educação na escola deve ir além de um processo e um contexto de aprendizagem dos conteúdos. Deve, portanto, promover a convivência do ser humano. Vale destacar que a escola contemporânea está cada vez mais heterogênea, com uma grande diversidade de crianças, cada uma com sua singularidade e, tem exigido do profissional de educação novas maneiras de ensinar, visando a promoção de uma convivência estabelecida nos preceitos inclusivos pautados numa necessária e forte interação entre todos os seus atores (CARLOTTO e CÂMARA, 2007).

Nesse sentido, frisa-se que a organização do trabalho do professor nos dias atuais, tem demandado que este possua características peculiares, mas que ao mesmo tempo o coloca à mercê de fatores estressantes, que ao persistirem podem levar a problemas de saúde, como por exemplo, a Síndrome de Burnout.

Esta síndrome pode afetar a classe de trabalhadores especialmente aqueles em contato direto e excessivo com outros seres humanos. Segundo Codo e Menezes (1999), esta síndrome apresenta um conceito multidimensional envolvendo três componentes:

- **Exaustão emocional:** Situação em que os trabalhadores sentem que não podem dar mais de si mesmo a nível afetivo. Percebem esgotada a energia e os recursos emocionais, devido o contato diário com os problemas.
- **Despersonalização:** Desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas e de sinismo às pessoas destinatárias do trabalho (usuários/clientes), 'coisificação' da relação.
- **Falta de envolvimento pessoal no trabalho:** Tendência de uma evolução negativa no trabalho, afetando a habilidade para a realização do trabalho e o atendimento, ou contato com as pessoas usuárias do trabalho bem como com a organização (CODD; MENEZES, 1999, p.3).

Assim, pelas considerações apresentadas e tomando por base o estudo de Carlotto e Câmara (2007), enfatiza-se que nos aspectos profissionais, o professor pode apresentar prejuízos em seu planejamento de aula, tornando-se este menos frequente e cuidadoso. Apresenta perda de entusiasmo e criatividade, sentindo menos simpatia pelos alunos e menos otimismo quanto à avaliação de seu futuro. Pode também sentir-se facilmente frustrado pelos problemas ocorridos em sala de aula ou pela falta de progresso de seus alunos, desenvolvendo um grande distanciamento com relação a estes. Sentimentos de hostilidade em relação a administradores e familiares de alunos também são frequentes, bem como o desenvolvimento de visão depreciativa com relação à profissão. O professor mostra-se autodepreciativo e arrependido de ingressar na profissão, fantasiando ou planejando seriamente abandoná-la.

Em conformidade com os estudos apresentados por Aquino, Fontanella e Drügg (2003), um dos agravantes na saúde do professor pode estar relacionado à hipótese das mudanças na administração pública, que ocorre de forma periódica. Essas autoras constataram em uma pesquisa de campo que, quando houve mudança de gestores, o número de afastamentos de professores elevou. Alguns aspectos foram observados durante o levantamento feito pelas pesquisadoras, como por exemplo: um grande número de atestados e dias de atestado para professores da educação infantil; dificuldades no desempenho da profissão; dificuldade na construção de vínculos nas relações em seu grupo de trabalho na docência, docentes com sintomas orgânicos que já cristalizaram agregados ao seu histórico de dificuldades emocionais, professores com dificuldades de vivência familiar e por último, educadores com as doenças específicas, referindo as autoras como sendo uma delas os tumores benignos.

As autoras relacionam que transtornos psíquicos são associados aos fatores estressantes no ambiente (AQUINO; FONTANELLA; DRÜGG, 2003). Ao longo dos

anos foi identificado em vários estudos que a intensificação do trabalho é relevante estressante presente nas escolas. Em referência a estes estudos, as pesquisadoras colocam a importância das nuances advindas das políticas educacionais proporcionando grande impacto sobre a organização e gestão das escolas públicas brasileiras, provocando aumento de contingente para o nosso sistema e maior complexidade de demandas. Não sendo proporcional a adequação para estas mudanças das condições objetivas do atendimento provocando a intensificação do trabalho docente.

Outra pesquisa com professores foi realizada por Paim e Cardoso (2012) sobre níveis de satisfação com a qualidade de vida e com a saúde dos professores em uma rede pública estadual. Com relação à saúde, as autoras se preocuparam com os aspectos que tangem a saúde do sujeito como: físico, psicológico, meio ambiente e relações pessoais. Como resultados as pesquisadoras encontraram alto índice de satisfação com a qualidade de vida e também dos aspectos da saúde das relações sociais, condições físicas e psicológicas (PAIM; CARDOSO, 2012). Chamam a atenção para a insatisfação nos aspectos do meio ambiente físico escolar (clima, barulho, poluição e atrativos) e da situação financeira.

Correia e Tonini (2012) relatam que a técnica do ensino é um componente fundamental no processo de aprendizagem de um aluno e que, quanto maiores forem os seus problemas e as contrariedades dos ambientes onde ele interage, maiores serão as exigências que se colocam a todos aqueles que fazem parte do processo de seu ensino e aprendizagem. Sugerem um método de atendimento à diversidade. A organização deste método dá suporte ao docente de um trabalho de colaboração, quer dizer que as planificações e intervenções devem se apoiar muitas vezes, no trabalho de uma equipe e não de um profissional de turma.

2.3 Disfonias

Os professores estão entre os profissionais que têm na comunicação elemento vital para a viabilização de seu trabalho, sendo a voz o instrumento utilizado para estabelecer vínculos diretos com o aluno, a família e a comunidade. Assim, pretende-se aqui dar enfoque à *disfonia* por ser esta uma das principais ocorrências de problema de saúde relacionado a professores.

Em conformidade com Belhau (2001), as *disfonias* são alterações na qualidade da voz que prejudicam a comunicação do emissor em seu discurso com seu ouvinte. As disfonias prejudicam o trabalho dos docentes, pois o meio de labor destes depende de uma voz de boa qualidade para que as informações sejam transmitidas de forma compreensível aos seus alunos.

As disfonias podem ser funcionais que são aquelas onde não é possível verificar alteração visível na realização do exame médico e organofuncionais as alterações vocais são concomitantes as várias lesões. As disfonias funcionais podem ser classificadas em categorias como: “Disfonia primária, pelo uso incorreto da voz; disfonia secundária, favorecidas por inaptações vocais; e disfonia psicogênica, instaladas pelo simbolismo vocal” (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009, p.349).

Pode-se perceber que as disfonias podem ser causadas por vários fatores. Conforme Belhau (2001), as disfonias organofuncionais são principalmente causadas por alterações no comportamento vocal, na qual se afirma serem estas as funcionais que não tiveram um diagnóstico no período inicial. Dentre as lesões mais habituais encontram-se os nódulos, o pólip e o edema de Reinke (lesão difusa na camada superficial da prega vocal).

Em experiência clínica na área de fonoaudiologia, observa-se que grande parte dos professores que procura o acompanhamento vem por indicação do médico otorrinolaringologista, isto por apresentarem uma rouquidão persistente e em maioria devido a lesões nodulares constatada no exame clínico. Nesse sentido frisa-se que a prevalência da disfonia na docência tem despertado o interesse entre os fonoaudiólogos, na tentativa de melhor compreensão sobre o problema de voz que se evidenciou na clínica fonoaudiológica, como também, devido à relevância social do problema.

Entretanto, embora a prevalência de disfonia entre os professores seja considerada um problema de saúde pública, a legislação vigente não reconhece a relação da doença com a atividade docente. A lista de Doenças Relacionadas ao Trabalho destaca a disfonia como um sintoma da laringotraqueíte, grupo X da CID-10, capítulo 15, mas não menciona o uso excessivo da voz no trabalho como fator de risco (PROVENZANO; SAMPAIO, 2010).

2.4 Saúde Vocal do Professor

Os professores são entre os profissionais que fazem uso da voz, aqueles que apresentam mais alto risco para desenvolverem distúrbios vocais. Possuem também uma significativa prevalência com relação às queixas específicas comparados com outras profissões. Vale salientar que estes profissionais, em sua maioria, tem uma extensa carga horária, muitos deles ultrapassando 40 (quarenta) horas semanais ou mais de trabalho (OLIVEIRA; ASSUNÇÃO, 2009).

Estudos nacionais e internacionais que investigaram por meio de questionários a prevalência de alteração vocal e de alteração vocal auto-referida em professores de diferentes níveis de ensino, concluíram que tal prevalência é elevada, variando de 21 a 80%. Diversas pesquisas que utilizaram informações dos próprios professores, obtidas também por meio de questionários, foram realizadas com docentes em vários estados do Brasil, e tiveram como resultado uma porcentagem que variou de 54% a 79% de queixas relacionadas à voz. A alta ocorrência de problemas de voz entre os professores, de uma forma geral demonstra que essa profissão pode estar demandando cuidados relevantes direcionados à voz. A necessidade de maior conhecimento do que está acontecendo, passa a ser então um foco de estudo importante (PROVENZANO; SAMPAIO, 2010).

Como reflexão deste estudo muitos autores argumentam a possibilidade de os fatores que contribuem para este quadro entre docentes sejam as condições ambientais e organizacionais no ambiente escolar e a ausência de conhecimentos de técnicas e cuidados específicos para a saúde vocal.

Nesse sentido, segundo Alves *et al.* (2009), em sua pesquisa sobre as alterações da saúde e da voz do professor estabeleceram uma relação entre as alterações vocais e os fatores de organização do trabalho e ambiente do mesmo. O primeiro fator engloba a divisão de tarefas e das pessoas com possibilidade de levá-lo ao afastamento e incapacidade de execução das funções desta classe de trabalhadores que usa a voz profissionalmente. A dificuldade com a voz pode gerar estresse e ansiedade comprometendo sua atividade. O segundo fator, ou seja, do ambiente do trabalho deve-se estar atento a sua atividade em situação real.

Esses autores apresentam ainda como fatores impostos aos professores, a condição e organização de trabalho, situações de carga horária elevada, períodos

curtos para descanso e alimentação, salário baixo, desinteresse dos discentes para aprendizagem e, indisciplina e violência por parte dos mesmos, etc. Referindo às condições e ambiente, citam: salas quentes, mal ventiladas, poeira, sujeira, pó de giz, problemas na organização do trabalho, com relações sociais estressantes, carregadas por sentimentos negativos de indisciplina, agressividade, violência e desrespeito.

Observa-se assim que o professor é um profissional que apresenta alta demanda vocal, utilizada nem sempre em ambientes adequados, além de múltiplos fatores intercorrentes advindos da organização do trabalho. A alteração vocal traz como consequências prejuízos nas relações ensino-aprendizagem, no domínio do trabalho, a saúde e a vida do professor (ALVES *et al.*, 2009).

Nesse sentido, Behlau (2001) ressalta a importância de verificar como o professor executa sua tarefa, quais adaptações e recursos utilizados por ele. Tudo isto deve ser realizado na análise do trabalho com o docente.

De acordo com Paim e Cardoso (2011), há uma carência na formação acadêmica dos professores na orientação quanto ao uso da voz, como usá-la profissionalmente e as consequências do seu uso inadequado. O estudo apresentado pelos autores aponta ainda o aumento da probabilidade dos distúrbios iniciarem nos primeiros anos da docência, piorando no decorrer da vida profissional. Na pesquisa realizada por Paim e Cardoso (2011) revelou-se um fator fundamental que interfere na saúde vocal desta classe: resistência ao tratamento de voz ou usar licença médica ou readaptação profissional por não desejarem prejuízo financeiro ou privação da atividade. O professor então tem exercido sua atividade laboral em funções desfavoráveis.

Destaca-se ainda que o resultado da pesquisa supracitada sobre alterações vocais encontrou alterações vocais frequentes em sujeitos do sexo feminino em torno de quarenta anos de idade e com docência acima dos dezesseis anos. A alteração vocal é referida por aproximadamente 60% dos professores, o sintoma predominante é a rouquidão em quase 50% e vem se manifestando há mais de quatro anos. As autoras apontam como causa o uso intenso da voz com quase 100% de ocorrência e também o estresse com uma porcentagem de 59%. Conclui que ocorreu uma prevalência de professores com alterações na voz observadas nos dados coletados e em avaliação fonoaudiológica, o que considera que a ocorrência

das mesmas serem explicadas pelas condições inapropriadas do ambiente do ofício desta classe (PAIM; CARDOSO, 2011).

Nessa mesma perspectiva, conforme Karman e Lancman (2013), ao pesquisarem sobre os aspectos que interferem no desempenho vocal de professores em situação de trabalho em uma escola de ensino fundamental, em uma amostra de oito professores e dados coletados em sessões de grupo focal. Apresentam como resultado a voz sendo usada de forma intensiva para obter atenção e resultado de trabalho, trabalhar conteúdo de comportamento e atitudes, resolução de conflitos, administrar a violência dentro da classe e controlar situações e acalmar as crianças. Também houve episódios de uso intenso e contínuo vocais para competir com ruídos internos e externos da sala, sala com grande quantidade de alunos, e domínio imediato sobre situações imprevisíveis. A desorganização da rotina ocasiona uma sobrecarga nos professores física e mentalmente, sendo que as crianças inclusivas acentuam este desgaste.

Carlotto e Câmara (2007) mencionam sobre os novos modelos na educação. O exercício profissional e os profissionais terem características flexíveis e polivalentes ocorrendo um contraste entre aqueles de condições precárias e os excluídos das novidades. Essas nuances que mobilizam a reestruturação e reforma do sistema educacional afetam os docentes, o trabalho que executam e as relações profissionais, e a saúde do professor. O professor além de atender as classes, deve fazer trabalhos administrativos, planejar, reciclar-se, investigar e orientar individualmente os alunos.

Diante das considerações, destacam-se os estudos apontam que um maior tempo de exposição à atividade docente associa-se a maior frequência de efeitos negativos sobre a voz, sejam estes agudos ou crônicos. Sendo os sintomas e alterações vocais aumentam com a intensidade da carga horária. E ainda, mesmo apresentando problemas vocais, muitas vezes o professor continua a utilizar a voz com a mesma demanda e evita tomar providências, não buscando ajuda para minimizar o problema ou romper com os hábitos abusivos.

2.5 Crianças com Desenvolvimento Atípico

Educação especial é um tema recorrente nos mais variados segmentos e tem exigido esforços de toda a comunidade escolar para a garantia do acesso e permanência dos alunos com Necessidades Educacionais Especiais (NEE).

Segundo Pereira (2011), muito se tem discutido sobre o que é educação especial ou inclusiva, mas nem sempre temos uma noção correta a seu respeito. Podemos dizer que a educação especial engloba uma imensa diversidade de necessidades educativas, assim como uma equipe multidisciplinar, composta pelos mais diversos profissionais e especialistas. Seu objetivo principal é promover uma melhor qualidade de vida àqueles que, por algum motivo, necessitam de um atendimento mais adequado à sua realidade física, mental, sensorial e social. Os indivíduos que necessitam dessa modalidade são todas as pessoas que precisam de métodos, recursos e procedimentos especiais durante o seu processo de ensino e aprendizagem.

Vale salientar ainda que as diretrizes para a educação inclusiva estão garantidas na Constituição de 1988, além de afirmar o direito público e subjetivo da educação para todos, registrou como dever do poder público, a garantia do atendimento educacional especializado para os portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino. As três referências, que marcaram todos os documentos subsequentes relacionados à Educação Especial, tal como na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 1996), no Plano Nacional de Educação e nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, do Conselho Nacional de Educação (2001) contém os pontos de maior discussão na área (PEREIRA, 2011).

Nessa perspectiva, destaca-se que a família e escola são contextos que devem estar em constante comunicação, para que os alunos tenham unidos os dois contextos sociais mais importantes para o desenvolvimento global do sujeito, que terá suas particularidades.

A pesquisa realizada por Pereira (2011, p.53) evidenciou que “existe um vácuo entre os aspectos legais e o que realmente acontece na escola”. Isso, segundo a autora, em relação à sala de recursos, que não atende com eficácia os alunos com NEE, o que tem demandado o desenvolvimento de novas habilidades do professor referente para atender estas crianças.

Entre tantas propostas inclusivas e continentais ao atendimento especializado, é importante ressaltar a necessidade de uma articulação interdisciplinar que busque acompanhar o desenvolvimento do aluno com necessidades educacionais especiais, repensar estratégias de ensino que se aproximem mais de uma rede de serviço essencial para a inclusão educacional e para a qualidade de vida dessas pessoas.

De acordo com Daisy (2012) em sua pesquisa relata a questão do aluno com deficiência intelectual ter suas potencialidades para a aprendizagem. A autora também considera a angústia que sente o professor de como trabalhar com estes alunos. Alguns docentes, principalmente do ensino fundamental relatam não se sentirem aptos e motivados para lecionarem com grupos tão diversificados.

Ferreira e Benedetti (2007) também apresentam uma pesquisa realizada sobre esta temática e descreveram sobre mestres que trabalham com crianças especiais. As pesquisadoras investigaram as condições vocais daqueles atuantes com deficientes auditivos em escolas de ensino especial. Houve um cruzamento de dados de docentes com queixas vocais e aqueles sem queixas em uma amostra de oitenta professores. Mencionam ainda sobre a atuação do professor da Sala de Recurso, não exigir tanto de sua voz já que ministram suas aulas, em sua maioria, utilizando a comunicação por sinais e outros recursos visuais.

Boas *et al.* (2012) explicitaram em sua pesquisa a importância da voz para aprendizagem destes alunos aliada também aos recursos corporais. Também como os professores regentes, atribuem como principal meio de comunicação com seus alunos. A docente de visão subnormal mostra a importância da necessidade de uma boa entonação a fim deste aluno perceber melhor o conteúdo ministrado e que as pesquisadoras relatam que a deficiência do aluno cego potencializa a força dos recursos vocais. Portanto o professor deste tipo de deficiência precisa causar certo impacto para atrair a atenção de seu aluno, sua fala precisa de muita expressividade.

As autoras afirmam que muitos educadores especializados em deficiência visual, mesmo em grande demanda vocal não se preocupam com sua voz e que provavelmente isto ocorre por falta de preparo nesta questão, e que o mesmo acontece com regentes de salas comuns. Os resultados encontrados em pesquisa destas autoras revelaram 30% destes docentes com alterações vocais e sintomas semelhantes aos atuantes com alunos ouvintes (BOAS *et al.*, 2012).

De acordo com Oliveira e Assunção (2009) as estratégias de aceleração usadas por esta classe considerando uma delas a hipersolicitação vocal, envolvidas para a execução da atividade podem modificar o estado geral do sujeito. O professor sente cansado interferindo nos padrões e qualidade de seu sono e sua disposição para o lazer e hábitos saudáveis.

Pertinente destacar ainda que as considerações apresentadas por Renzulli (2002) traduz de forma pertinente as angústias frente à constatação da necessidade dos professores para lidarem com as crianças com NEE:

Como é que os educadores podem encontrar tempo para realizar atividades de aprendizagem estimulantes que tornem as escolas lugares mais agradáveis para os alunos (e para o pessoal), face a duas realidades: as pressões para aumentar o nível no desempenho de testes e de um currículo já demasiado extenso, resultantes de orientações estaduais, assim como as listas cada vez mais longas de normas, conteúdos e recomendações para aumentar o nível de letramento? (RENZULLI, 2002, p.5).

Segundo Bueno (2001), a formação de professores e a qualificação do ensino para crianças com necessidades educativas especiais, na perspectiva da construção efetiva de uma educação inclusiva, envolve, pelo menos, dois tipos de formação profissional, a saber:

- Dos professores do ensino regular com vistas a um mínimo de formação, já que a expectativa é da inclusão dos alunos com *necessidades educativas especiais*; e
- Dos professores especializados nas diferentes *necessidades educativas especiais*, quer seja para atendimento direto a essa população, quer seja para apoio ao trabalho realizado por professores de classes regulares que integrem esses alunos (BUENO, 2001).

As transformações apontadas, segundo Martins (2007), supõem um profundo e exigente desafio pessoal para os professores que se propõem a responder às novas expectativas projetadas sobre eles.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

Refletir sobre os aspectos que interferem na saúde do professor, principalmente àqueles que atuam com crianças com desenvolvimento atípico, com enfoque às alterações vocais que acometem estes profissionais.

3.2 Objetivos específicos

- Definir o conceito de saúde, especificando aquelas doenças a que os professores estão mais sujeitos.
- Caracterizar a saúde vocal dos professores na contemporaneidade e os cuidados necessários para a sua manutenção;
- Realizar trabalho de campo com professores para verificar as circunstâncias destes profissionais no quesito saúde e preparo para com as crianças com Necessidades Educacionais Especiais.

4 METODOLOGIA

A metodologia se caracteriza como qualitativa e se apoia em um referencial teórico e uma pesquisa de campo realizada com professores, conforme descrição a seguir.

4.1 Fundamentação Teórica da Metodologia

Este projeto de pesquisa apresenta-se como de cunho qualitativo, no qual a produção científica empírica e teórica se entrelaçam fazendo parte de uma mesma unidade com possibilidade de constituir reformulações no decorrer do estudo.

O processo da metodologia inicia através de uma seleção de obras, artigos e busca subsídios para algumas indagações mencionadas nos objetivos. Utilizados para pesquisa artigos indexados das bibliotecas virtuais Scielo e Redalyc. Posteriormente, se fará um fichamento através de um levantamento teórico-bibliográfico apurando as considerações mencionadas pelos autores e que estejam intimamente relacionadas com a saúde do professor em sua atuação com crianças com necessidades educacionais especiais. Este levantamento abrange a leitura, análise e interpretação do material recolhido o qual será submetido a uma triagem, a partir da qual será possível estabelecer um plano de leitura. Trata-se de uma leitura atenta e sistemática que se faz acompanhar de anotações e fichamentos. Os sujeitos estudados são os professores.

Souza, Branco e Oliveira (2008) caracterizam a metodologia como:

Ciclo de fases inter-relacionadas e indissociáveis da teoria, ao longo do processo de construção de conhecimento. O desenho do ciclo metodológico considera: a visão de mundo dos pesquisadores; a teoria; o fenômeno a ser estudado; a unidade dialética entre os métodos empregados e os dados construídos; e finalmente, aponta o papel da experiência intuitiva do pesquisador quando se atua nos diferentes níveis ou momentos do ciclo metodológico que caracterizam determinada pesquisa. (p.362).

Os dados foram coletados através de uma entrevista com vinte e oito questões com professores da rede estadual de Timóteo-MG na escola Pedro de Assis e da rede municipal escola Doutor Garcia Luís Dionísio-MG contendo questões que implicam na saúde vocal do professor.

A entrevista foi previamente agendada de acordo com a disponibilidade da escola e dos professores. As questões são de acordo com os objetivos gerais e específicos do projeto, de maneira clara e em ambiente tranquilo, para que o docente concentre nas perguntas solicitadas a responder. Os questionamentos estão relacionados com os problemas propostos anteriormente no estudo e transformados em informações relevantes para a finalidade desta pesquisa. Esta entrevista foi realizada individualmente após o professor ter ciência do tema e objetivos e estabelecer seu aceite através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

4.2 Contexto da Pesquisa

A Escola Pedro de Assis, situada no município de Timóteo-MG com uma população estimada em 87.542 mil habitantes (BRASIL, 2015), pertence à rede estadual e adesão ao processo inclusivo no ano de 2007. Esta escola possui aproximadamente 500 alunos com dez salas de aula, banheiros, cantina, sala de professores, sala de materiais, uma sala de recursos, quadra de esportes, e salas administrativas diretoria e secretaria. Funciona com turnos matutino e vespertino e educação integral nos dois turnos. No turno matutino cursam os alunos do ensino regular do 6º ao 9º ano e no contra turno a educação integral. No turno vespertino cursam os discentes do 1º ao 5º ano do ensino regular e no contra turno a educação integral. Participam da educação integral em torno de 150 alunos.

Frisa-se que para acesso à sala de recursos é necessário subir uma rampa com corrimão e a mesma se encontra afastada das salas de aula.

Esta instituição recebe crianças de outros bairros de Timóteo por ser a primeira escola inclusiva de Timóteo e o mesmo acontece na sala de recursos com atendimento de 62 alunos e 11 discentes de outras escolas da mesma rede. Além de uma equipe de professores graduados conta com professores de apoio. Recebem apoio educacional oito alunos.

A escola municipal Garcia Luís, situada no município de Dionísio-MG, possui uma população estimada em 8.739 mil habitantes (BRASIL, 2015). Possui aproximadamente 400 alunos. Reconstruída em 2006 com a preocupação da execução de rampas e corrimões. A acessibilidade iniciou em 2011 com corrimões e

tapetes antiderrapantes nas rampas, faltam ainda as adaptações nos banheiros. Em 2010 recebeu o material para a instalação da sala de recursos multifuncional. Conta com salas amplas sendo treze salas de aula, biblioteca, banheiros, anfiteatro, sala de professores, sala da diretora, da vice-diretora, sala de informática, cantina, refeitório, pátio e quadra de esportes. Funciona com turmas do ensino fundamental desde a educação infantil até o quinto ano nos turnos matutinos e vespertinos. No vespertino ocorre também a educação integral para alunos do 1º ao 5º ano com aproximadamente 52 alunos.

A escolha destas escolas foi baseada nos objetivos desta pesquisa. Estas instituições aderiram ao processo inclusivo e possui sala de recursos multifuncional.

4.3 Participantes

A amostra foi constituída por três professoras regentes e três professoras de sala de recursos. A faixa etária variou entre 28 e 56 anos.

Denominados professores P1, P2, P3, P4, P5 e P6 como forma de preservar a identidade dos participantes.

P1 - Professora regente do 4º ano do ensino fundamental.

P2 - Professora regente do 1º ano do ensino fundamental.

P3 - Professora regente do 5º ano do ensino fundamental.

P4 - Professora da sala de recursos.

P5 - Professora da sala de recursos e da educação especial da APAE de Timóteo.

P6 - Professora da sala de recursos e regente em biblioteca.

4.4 Materiais

Foram utilizados os seguintes materiais:

- Notebook para a pesquisa e digitação do trabalho.
- Impressora.
- Papel ofício para anotações de observações.
- Tablet Samsung T-530, com um aplicativo de áudio instalado para gravar as entrevistas.

4.5 Instrumentos de construção de dados

A entrevista é uma das técnicas mais utilizadas, atualmente, em trabalhos científicos. Portanto, foi elaborada uma entrevista, principal instrumento de uma pesquisa social, com itens significativos com o intuito de apurar aspectos que possam estar interferindo na saúde vocal, principalmente dos professores do AEE (Atendimento Educacional Especializado). Apresentam em seu corpo vinte e oito questões. Essas entrevistas de comunicação natural, sobre a vida cotidiana, fornecem informações relevantes de acordo com os objetivos da pesquisa, o tempo e os recursos disponíveis para a sua realização (ROSA; ARNOLDI, 2006).

Foi utilizado também um diário de campo. O uso dos diários na pesquisa científica é recente. Segundo Symon (2004, p.98 *apud* ZACCARELLI; GODOY, 2011) podem ser usados para o registro de "reações, sentimentos, comportamentos específicos, interações sociais, atividades e/ou eventos", em um determinado período de tempo.

4.6 Procedimentos de Construção de dados

Buscou-se uma instituição participante no processo de inclusão com a finalidade de encontrar professores do AEE, como também professores regentes de sala comum. Foram selecionados alguns regentes com problemas vocais e todos da sala de recursos multifuncional. Este critério foi usado como forma de saber se esta classe de docentes também enfrenta dificuldades com a voz, e quais aspectos interferem no seu bem-estar vocal.

As professoras participantes foram abordadas pela pesquisadora em princípio a respeito do tema e objetivo da pesquisa e aceita sua colaboração apresentado o termo de consentimento livre e esclarecido. Consideraram pertinente o tema do trabalho de pesquisa.

Esta pesquisa utiliza-se de quadros com as questões da entrevista e as respostas do professor correspondente de acordo como foi colocado no item participante. Desta forma organizam-se os dados coletados em campo para posterior análise.

Quadro 1 – PROFESSORES REGENTES

QUESTÕES	P1	P2	P3
Há quanto tempo que leciona? Para qual ano ou anos?	15 anos. 4º ano do ensino fundamental	Mais de 35 anos. 1º ano do ensino fundamental	16 anos. 4º ano do ensino fundamental
Quantos dias e quantas horas semanais de trabalho?	5 dias e 25 horas	5 dias e 22 horas	5 dias e 24 horas
Para quantos alunos leciona?	Atualmente 17 alunos. Já trabalhou com 27 alunos.	Atualmente 19. Iniciou com 21 alunos.	36 alunos.
Já teve problemas com a voz? É frequente? O que sentiu?	Sim. Foi frequente. Rouquidão. Tinha dias praticamente sem voz.	Sim. Foi frequente Rouquidão todo final de semana.	Sim. Foi frequente. “Muito rouca, enrouquecida”
O que considera como fatores que causam problemas na sua voz?	Pó de giz porque resseca a garganta. Chamar a atenção dos alunos porque altera a voz. Gripes.	Ansiedade. Pé de giz, gripes. Usava a voz antes de forma intensa.	Falar alto (demais). Alergia a pó de giz, estresse, acúmulo de atividades e problemas de origem emocional.
Precisou afastar alguma vez por não poder usar a voz?	Não.	Afastamento de cinco dias apenas.	Afastamento de um cargo. Seis meses fora da sala de aula.
Usa algo para melhorar a sua voz? O que usa?	Sim. Apenas água e maçã.	Sim. Gargarejo com ervas quando sente dor. Come maçã.	Na época sessões de fonoaudiologia e comer maçã.
Quando tem problemas com a voz vai ao médico? Realizou tratamento para a voz?	Consultou com otorrinolaringologista. Não.	Sim. Consultou com otorrinolaringologista. Realizou tratamento com fonoaudiólogo.	Sim. Consultou com otorrinolaringologista. Atividades de fonoaudiologia.
Possui problemas de saúde? Usa medicamento?	Não. Mas passou a usar há pouco dias medicamento para hipertensão.	Não. Toma medicamento para baixar colesterol.	Sim. Toma medicamento para pré- diabético.
Considera o ambiente físico do trabalho adequado? O	Sim. Verifica que o pó de giz prejudicial.	Sim. Considera o pó de giz prejudicial.	Sim.

que verifica?			
Como considera os aspectos emocionais no ambiente de trabalho? Por que?	Moderado. Tem dias que as pessoas não estão bem, procura evitar aborrecimentos.	Tranquilo. Considera sua ansiedade quanto ao aprendizado dos alunos e isso ajuda a alterar a voz.	Tranquilo.
Tem problema com a voz? Há quanto tempo vem ocorrendo? Qual a sensação na garganta?	Teve problema. Não lembra período que veio ocorrendo. Secura e às vezes um pouco de dor quando vai engolir.	Teve problema. Não lembra período que veio ocorrendo. Pigarro e “amígdalas cresciam um pouco”.	Teve problema. Período de 8 meses. Com disfonia de 1 2 anos. Ardência, secura e necessidade de pigarrear e tossir.
Percepção da própria voz	Boa e aguda agora.	Boa em relação quando teve problemas. No 2º semestre do ano, um pouco alterada.	Rouca. Boa no momento.
Como começaram seus problemas vocais?	Foi observando com o passar das 4 horas de trabalho ficava sempre rouca. Ao longo do tempo (gradativa).	De forma gradativa. Lecionava na época para 2 turnos, alunos da educação infantil, muitos alunos na sala e muita poeira para chegar na escola.	Ocorreu de forma gradativa “devagar”. Trabalhava com 2 turnos na época.
Há queixas com relação à sua voz?	Sim. Antes as colegas reclamavam que gritava muito.	Não.	Não.
Sua voz melhora após o descanso vocal?	Melhora.	Sim.	Sim.
Sente que o ar está acabando e mesmo assim continua falando?	Não.	Não.	Não.
Faz aquecimento vocal?	Não.	Agora não. Fazia durante o tratamento vocal.	Não.
Realiza desaquecimento vocal após o uso da voz?	Não.	Não.	Não.
Sabe dos cuidados necessários	Estou aprendendo Tomar água, comer maçã. Curso de	Tomar água, amígdalas umedecidas, maçã,	Beber muita água “estou esquecendo de beber água”, falar

para manter a voz saudável? Quando recebeu estas orientações?	orientação vocacional. Otorrinolaringologista.	exercícios respiratórios, evitar chocolate. Quando procurou o otorrinolaringologista.	baixo, respirar melhor e evitar contato com muito pó. Otorrinolaringologista e fonoaudióloga.
Tem hábitos e vícios? Ingerir álcool? Café? Fumo? Chocolate? Ouros? Todos os dias, quais? Algumas	Apenas café. Todos os dias, pouco e três vezes ao dia.	Café duas vezes ao dia (manhã e tarde).	Toma muito café cinco vezes ou mais ao dia.
Tem interesse em saber mais dados sobre os cuidados com a voz?	Sim.	Sim. "Nunca é demais"	Sim.

Fonte: Entrevista com professores da rede municipal de ensino da cidade de Dionísio-MG.
Período: agosto a setembro/ 2015.

Quadro 2 – PROFESSORES DA SALA DE RECURSOS

QUESTÕES	P4	P5	P6
Há quanto tempo leciona? Para qual ano ou anos?	6 anos. Sendo 5 anos para o ensino médio e 1 ano na SR.	23 anos e meio. Sendo 11 anos e meio na educação especial e 12 anos no ensino regular.	3 anos. Há 2 anos na SR e regente em biblioteca. Durante 1 ano como regente do ensino regular.
Quantos dias e quantas horas semanais de trabalho?	Cinco dias e 24 horas semanais.	Cinco dias e 43 horas semanais	Cinco dias e 40 horas semanais.
Para quantos alunos leciona?	20 alunos de forma individualizada e às vezes em duplas ou grupos.	17 alunos de forma individual ou em grupos de 2 alunos. Na educação especial 10 alunos na turma.	15 alunos na SR. Na biblioteca 22 alunos. Durante 1 ano dois turnos com 23-25 alunos.
Já teve problemas com a voz? É frequente? O que sentiu?	Não.	Não.	Não. Mas quando lecionou por 1 ano como regente sentiu que a voz não queria sair e necessidade de ficar pigarreando.

O que considera como fatores que causam problemas na sua voz?	Nada. No atual momento não faz uso intenso da voz.	“Falo para poucos alunos”. Não considera nenhum fator que possa causar problemas.	Falar alto e gritar com alunos. Alguns são hiperativos. O uso do giz, não usa em SR.
Precisou afastar alguma vez por não poder usar a voz? Quanto tempo?	Não.	Não.	Não.
Usa algo para melhorar a sua voz? O que usa?	Não.	Não. Apenas tem os cuidados de beber água temperada e comer muita maçã.	Não.
Quando tem problemas com a voz vai ao médico? Realizou tratamento para a voz?	Não precisou.	Não tem.	Não tem.
Possui problemas de saúde? Qual? Usa medicamentos?	Tem hipertensão e toma o medicamento Zart.	Não.	Bronquite. Quando tem crises usa xarope e bombinha Clemil.
Considera o ambiente físico do trabalho adequado? O que verifica?	Sim. Considera que o “ruído da escola é aceitável”.	Sim. “Porque a SR é um lugar que fica afastado do ensino regular.”	Sim na SR. No outro local, a biblioteca tem a poeira dos livros.
Como considera os aspectos emocionais no ambiente de trabalho? Por que?	Tranquilo. “Bom local para trabalhar”.	Tranquilo.	Tranquilo. Em alguns momentos sente pressão da direção e considera que é da instituição. No outro local também tranquilo.
Tem problema com a voz? Há quanto tempo vem ocorrendo? Qual a sensação na garganta?	Não.	Não.	Não. Tem sentido securo na garganta considera que é da baixa umidade e falta de líquido.
Percepção da própria voz	Boa. “Sem queixas”	Boa. “Sempre falei alto”.	“Minha voz é meio grossa”.
Como começaram seus problemas vocais?	Não teve.	Não teve.	Não teve.
Há queixas com relação à sua voz?	Não. “Ninguém nunca me alertou sobre a voz”	Não.	Não. Há queixa às vezes quanto a sua franqueza quando

			fala.
Sua voz melhora após o descanso vocal?	“Não percebo diferença”.	“A voz é a mesma”.	Não percebe.
Sente que o ar está acabando e mesmo assim continua falando?	Não.	Não.	“Às vezes quando está com ansiedade para falar acontece isso”
Faz aquecimento vocal?	Não. “Apenas procuro hidratar”	Não.	Não.
Realiza desaquecimento vocal após o uso da voz?	Não.	Não.	Não.
Sabe dos cuidados necessários para manter a voz saudável? Quando recebeu estas orientações?	Sim. “Não aplico no dia a dia”. ”Constante hidratação, uso da maça e repouso vocal”. Curso de orientação vocal pela secretaria estadual de educação.	Sim. “Não falar alto, não utilizar água gelada, evitar leite e café.” “Através de pesquisa e curso vocal todo ano (online).”	Sim. “Comer maça, não tomar muito café, tomar líquidos”. Curso de saúde vocal (online)
Tem hábitos e vícios? Ingerir álcool? Café? Fumo? Chocolate? Outros? Todos os dias, quais? Algumas vezes na semana, quais?	Não fuma. Café uma vez por dia. Chocolate esporadicamente.	Café duas vezes ao dia.	Não. Café uma vez por dia.
Tem interesse em saber mais dados sobre os cuidados com a voz?	Sim. Porque acaba perdendo um pouco desses hábitos, desses cuidados. Interesse de aprimorar estes conhecimentos.	Sim.	“Acho interessante saber”.

Fonte: Entrevista com professores da sala de recursos multifuncional da rede estadual de ensino de Timóteo-MG. Período: agosto a outubro/2015.

4.7 Procedimentos da Análise de Dados

A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação. Já a interpretação tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos (GIL, 1999).

Assim, a partir da organização dos dados selecionou-se para cada professor os itens mais significativos dos dados coletados com relação à sua voz.

Em seguida descreveu-se os dados mais relevantes para os professores regentes. O próximo passo é a descrição dos dados dos professores da sala de recursos.

Busca-se um confronto dos dados coletados em campo entre as duas categorias de professores a fim de verificar se o professor do AEE apresenta fatores interferindo na sua saúde vocal.

Diante do material construindo com os dados da pesquisa de campo pode-se perceber algumas categorias relevantes para o objetivo desta pesquisa: se teve problema com a voz, foi frequente e o que sentiu; o que considera como fatores que causam problemas na sua voz e como considera os aspectos emocionais no ambiente de trabalho e por que; sabe dos cuidados necessários para manter a voz saudável e quando recebeu estas orientações; quantos dias e quantas horas semanais e para quantos alunos leciona.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo pretende-se apresentar o resultado das entrevistas realizadas com os professores, conforme dados apurados no procedimento de coleta de dados, quando da pesquisa de campo. Para tanto, visando preservar a identidade das 06 professoras entrevistadas, optou-se por nomear os professores como: Professora 1 (P1), Professora 2 (P2), e assim sucessivamente.

Vale ressaltar que todas as entrevistadas trabalham no ensino fundamental, sendo que as professoras P1, P2 e P3 atuam na sala de aula de ensino regular e as professoras P4, P5 e P6, trabalham no atendimento educacional especializado (AEE), portanto, na sala de recursos. Uma caracterização mais detalhada das entrevistadas é apresentada nos procedimentos metodológicos constante do capítulo anterior.

Inicialmente, destaca-se que a docente P1 demonstrou interesse na colaboração com a entrevista e respondendo com clareza as questões. A P2, também interessada, respondeu tranquilamente a pesquisa. Entretanto, a P3, embora interessada, demonstrou ser agitada, mas respondeu com clareza. Já a P4, da sala de recursos, demonstrou-se muito tranquila e atenta nas questões propostas, manifestando conhecimento da temática. A P5, bem colaborativa, também tranquila, respondeu prontamente às questões apresentadas. A P6 demonstrou inicialmente certa ansiedade, mas teve interesse em saber sobre o objetivo da pesquisa, no decorrer da entrevista foi ficando mais relaxada e desde o início procurou detalhar as informações.

Ao proceder a análise e reflexão, cita-se quanto a oitava questão da entrevista onde indaga-se as professoras quanto a categoria se já tiveram algum problema com a voz, se tal situação foi frequente e o que sentiram. As professoras P1, P2 e P3 relataram como afirmativo, conforme descrito a seguir:

“Rouquidão. Não sabia como ter cuidados com a voz e tinha dia que ficava praticamente sem voz” (P1).

“Rouca todo final de semana. Cansaço da voz” (P2).

“Muito rouca ou enrouquecida” (P3).

(Trecho transcrito das entrevistas realizadas em 29/09/15).

Em contrapartida, as docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE) relataram como negativo para a questão da entrevista que indaga sobre “se elas já tiveram algum problema com a voz”. Somente a P6 relatou que sentiu dificuldade com a voz quando atuou por um ano com crianças do 4º e 5º ano, em dois turnos do ensino fundamental:

“Senti que a voz não queria sair e necessidade constante de pigarrear” (P6)

(Trecho transcrito das entrevistas realizadas em 02/10/15).

Tratando-se da análise da questão que considera os possíveis fatores que causam problemas na voz, a P1 mencionou o pó do giz, gripes e verbalizou ainda: *“Chamar a atenção dos alunos, porque se altera consideravelmente a voz”* (P1). A Professora P2 referiu-se à ansiedade, também ao pó de giz, acúmulo de atividades provenientes da profissão, gripes e salientou ainda que quando apresentou problemas vocais, o uso da voz se dava de forma bastante intensa. A Professora P3 colocou que a alteração em sua voz foi observada quando ao falar em tom alto demais, alergia ao pó de giz, estresse pelo excesso de responsabilidades e mencionou ainda: *“problemas de origem emocional”* (P3).

Ainda sobre esta questão, a docente P4 alegou não ter percebido nada como causa de problemas vocais, enfatizando que não usa a voz de forma intensa. A entrevistada P5 (Professor AEE), refere falar para poucos alunos e não observa nenhum fator relevante que possa trazer prejuízos para seu desempenho vocal, mas em campo e antes da entrevista verbalizou:

“Uso muito a voz para trabalhar com estas crianças, pois necessito de fazer várias repetições” (P5, Registro em Diário de Campo, 02/10/15).

Na sequência, destaca-se que a P6 considerou que falar alto e gritar com alunos hiperativos e o uso do giz, apesar de não ser usado na Sala de Recursos, são fatores que podem acarretar em problemas vocais.

Tratando-se da categoria de como consideram os aspectos emocionais no ambiente de trabalho e por que, pôde-se apurar:

- a) A P1 relatou ser moderado e mencionou: *“tem dias que as pessoas não estão bem, ficam chateadas com alguma coisa e então deve-se evitar aborrecimentos”* (P1).
- b) A P2 frisou que o ambiente de trabalho é tranquilo e relatou: *“apenas ansiosa quanto ao aprendizado dos alunos. Fico nervosa e isso ajuda alterar a voz.”*
- c) A P3 também situa o ambiente como tranquilo e frisou: *“tem momentos que altero a voz dependendo da situação em sala de aula.”*
- d) A P4 considerou “tranquilo” também o aspecto do ambiente de trabalho e argumentou: *“aqui é um bom local para trabalhar.”*
- e) A P5 mencionou que o ambiente é calmo e acrescentou: *“Porque a sala de recursos é um lugar que fica afastado dos demais ambientes da escola.”*
- f) A P6 relatou também que é o espaço da sala de recurso é bem silencioso e que *“em alguns momentos a gente sente pressão da direção e isso reflete...o que é comum nesta instituição de ensino.”*

Vale salientar que a questão da entrevista em que se questionou às professoras se elas têm conhecimentos sobre cuidados necessários para manter a voz saudável, destaca-se que:

- a) As professoras P1, P2 e P3, alegaram que adquiriram este conhecimento em Curso de Orientação Vocacional, Consulta Médica e/ou Fonoaudiológica respectivamente.
- b) As professoras P3, P4 e P5 disseram terem obtido as informações em Curso de Saúde Vocal oferecido pela Secretaria Estadual de Educação. Mesmo assim não conseguem mantê-los em sua rotina.

Outra questão abordada e que foi relevante nas entrevistas referiu-se à atuação dos professores em mais de um turno, sendo um deles em sala de aula. Destaca-se que as professoras P2 e P3 responderam que já atuaram em dois turnos e um com número elevado de alunos em sala. As professoras P5 e P6 disseram que trabalham em dois turnos. Já as entrevistadas P4, P5 e P6 relataram que não lecionaram exclusivamente com crianças de desenvolvimento atípico desde o início da profissão.

Diante da análise dos dados coletados, verifica-se que os docentes do Atendimento Educacional Especializado (AEE), dentro da referida escola, não apresentaram comprometimento quanto à saúde vocal oriunda de sua atuação com estes alunos. No entanto, aspectos como hipersolicitação vocal por parte dos alunos

com desenvolvimento atípico, conforme mencionado por Oliveira e Assunção (2009), pode ser um fator que gera modificação do estado geral do professor.

Neste aspecto, salienta-se que de acordo com Belhau (2001), uma educadora pode apresentar mudanças no comportamento vocal, podendo vir a causar as disfonias organicofuncionais. Pelas entrevistas realizadas e apresentadas anteriormente, uma das professoras entrevistada relatou que algumas vezes o uso frequente da elevação do tom de voz e gritos com alunos, já ocasionou a ela problemas vocais.

Em contrapartida, observou-se que os professores regentes (sala de aula regular) apresentaram alteração na saúde vocal e, pelas respostas das entrevistas, tem como principal sintoma a rouquidão. E ainda, a maioria dos sintomas é proveniente de quando atuam com uma carga horária elevada. Nesse sentido, segundo Cardoso (2011), em pesquisa com professores regentes da rede estadual, um outro sintoma seria também o estresse. Vale esclarecer que este sintoma, apontado pelos autores, foi também citado por uma das regentes entrevistadas. Portanto, o estresse é um dos fatores que pode acarretar prejuízos na voz dos professores.

Diante dessas considerações, concorda-se com Belhau (2001) no que tange à importância da necessidade de analisar como o professor executa sua tarefa, quais adaptações e recursos se apropriam dentro do contexto de seu trabalho. Desta forma, observa-se a necessidade de uma melhor orientação ao professor no que consiste a uma orientação sobre o uso da voz no dia a dia da sala de aula.

Além dos pontos já discutidos, no que consiste à entrevista com a docente do Atendimento Especializado, outro ponto foi levantado é a necessidade do uso de muitas repetições, ou seja, procedimentos específicos de acordo com as necessidades educacionais especiais dos alunos que atende e que, segundo Pereira (2011), é um aspecto relevante na construção do conhecimento da criança de desenvolvimento atípico.

Cita-se ainda que os aspectos relatados pelas professoras regentes incluem: alertar alunos quanto ao comportamento, falar alto, gritar, quadros de gripe, ansiedade, estresse, acúmulo de atividades, fatores emocionais, alergias a pó de giz. Estes são considerados como fatores que podem alterar a voz e que Alves *et al* (2009), Carlotto e Câmara (2007), Karman e Lancman (2013) também concluíram em suas pesquisas.

Em relação à entrevista uma professora regente do ensino fundamental relatou se sentir ansiosa devido ao fato de alguns alunos não conseguirem aprender, o que origina uma demonstração de angústia com estes discentes e que este pode ser um dos fatores que altera sua voz, reporta-se a Renzulli (2002) que identifica que para o professor especializado que atua no AEE, torna-se necessário a garantia de condições que atendam as necessidades educacionais desses alunos e possibilite a superação de barreiras para efetivar tal apropriação.

A Educação Especial no formato do AEE se constitui, portanto, na ferramenta, no suporte indispensável que viabiliza a escolarização desses alunos no ambiente escolar comum. Sem recursos, estratégias e materiais adaptados que atendam às suas necessidades educacionais especiais, seria muito difícil garantir a participação efetiva nas atividades propostas, bem como a interação com os outros alunos e professores (RENZULLI, 2002, p.12).

Ainda com relação à angústia dos professores regentes Daisy (2012) considera não se sentirem aptos para atuarem com grupos tão diversificados.

Apurou-se ainda que os professores regentes e de Atendimento Educacional Especializado adquiriram informações sobre hábitos vocais saudáveis e não saudáveis somente depois de estar lecionando, o que pode ser comprovado também nos estudos de Provezano e Sampaio (2012).

Pode-se perceber também, através da análise de dados, que professoras do AEE, em sua maioria, têm uma carga horária elevada. Outro ponto importante é a questão desta classe profissional receber orientações sobre o uso da voz tardiamente como foi mencionado por todas as professoras. Paim e Cardoso (2011) mostraram em pesquisa a inexistência de orientação quanto ao uso da voz na graduação dos professores, isto é, como utilizá-la na profissão e as consequências do seu uso inadequado.

Verifica-se que as docentes do AEE demonstraram em entrevista que a saúde vocal é relevante em sua atuação com seus discentes. Boas *et al.* (2012) comprovaram em pesquisa a importância da voz para a aprendizagem dos alunos do AEE.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para uma atenção e um cuidado maior com a saúde do professor no seu contexto de trabalho, em especial o cuidado com a saúde vocal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela fundamentação teórica apresentada acredita-se ter alcançado o objetivo geral proposto, pois propiciou uma reflexão sobre os diferentes aspectos que interferem ou não na saúde do professor, principalmente àqueles que atuam com crianças com desenvolvimento atípico, com enfoque às alterações vocais que acometem estes profissionais.

Nesse contexto, foi possível rever o conceito de saúde, especificando aquelas doenças a que os professores estão mais sujeitos, a exemplo das Disfonias, da Síndrome de Burnout, o stress e demais problemas emocionais e psíquicos.

Bem como as considerações dos autores os dados revelam a necessidade de melhores cuidados dos profissionais da educação para a manutenção da saúde vocal. Especificamente, as crianças com desenvolvimento atípico, que necessitam de Atendimento Educacional Especializado (AEE), têm requerido profissionais com competências e habilidades para essa crescente demanda o que pode afetar, direta, ou indiretamente a saúde vocal do professor.

No trabalho de campo, no qual desenvolveu-se entrevistas junto às professoras da rede pública de ensino, com o objetivo de verificar as circunstâncias destes profissionais no quesito saúde vocal e preparo para com as crianças com Necessidades Educacionais Especiais. O diário de campo auxiliou com informações que na entrevista os professores não relataram a respeito do uso da sua voz durante o trabalho e que foram relevantes na análise e discussão.

Pôde-se observar que a incidência de problemas vocais é mais preponderante nos professores que atuam como regentes em sala de aula de ensino regular e incipiente nos professores que atuam nas salas de recursos.

Frisa-se ainda que o professor brasileiro apresenta várias inquietações com relação à reforma educacional, encontra-se sobrecarregado com as novas atribuições e preocupado com a aprendizagem de seus alunos (principalmente aqueles que demandam atendimento especial), esquecendo dos cuidados com seu principal instrumento de trabalho, a voz. Muitos teóricos afirmam que disciplinas específicas no curso de graduação colaborariam sobremaneira para a minimização desses casos. Apresenta-se como sugestão de disciplina “produção da voz e orientações sobre seu uso”.

Assim, retomando a reforma educacional, verifica-se a importância da preparação do professor regente com o mínimo de formação para lidar com crianças com necessidades educacionais especiais como menciona Bueno (2011), mas percebe-se que o professor, personagem tão importante no desenvolvimento do indivíduo, está sendo esquecido quanto aos aspectos de formação, prevenção e promoção da sua saúde. Sabe-se que para lidar com um grupo de alunos cada vez mais heterogêneo, como propõe os preceitos da educação inclusiva, demanda maiores habilidades e dedicação do professor que acompanhará estas crianças.

Vale destacar ainda que este tema se associa a inclusão porque procurou dar atenção principalmente a saúde vocal dos docentes do AEE. Sabemos que para o professor construir com seu aluno o seu processo de ensino aprendizagem na maioria das vezes é necessário que o seu principal meio de comunicação, a voz, esteja em boas condições para transmitir a mensagem aos seus discentes.

Nesse sentido, retomando a temática de análise deste estudo, torna-se importante salientar a necessidade de um aprendizado quanto aos cuidados vocais e a introdução de disciplina específica. Espera-se que com estas mudanças nas ementas acadêmicas, seja possível reverter o quadro de um acentuado número de ocorrências de disfonias na classe dos profissionais da educação.

Por fim acrescenta-se que o objetivo geral deste estudo foi de refletir sobre os aspectos que interferem na saúde do professor, principalmente àqueles que atuam com crianças com desenvolvimento atípico, com enfoque às alterações vocais que acometem estes profissionais, foi alcançado através da pesquisa de campo, o que viabilizou estabelecer uma estreita relação entre ambos.

REFERÊNCIAS

AQUINO, J. G; FONTELLA, A. R.; DRÜGG, A. **Afastamento para tratamento de saúde: sintoma institucional e recurso precário no enfrentamento do sofrimento psíquico do trabalho docente.** Universidade de Fortaleza. Revista Mal-estar e Subjetividade. V.3, n. 2, Set. 2003, p.372-394. Disponível em: <<http://www.Redalyc.org/articulo.ao?id=27130207>>. Acesso em: 12 set. 2015.

ALVES, L. M. *et al.* **Alterações da saúde e da voz do professor, uma questão de saúde do trabalhador.** Revista Latino-Americana de Enfermagem. V.17, n. 4. Universidade de São Paulo, Ago. 2009. Disponível em: <<http://www.Redalyc.org/articulo.ao?id=2814219100>>. Acesso em: 12 set. 2015.

ASSUNÇÃO, A. A; OLIVEIRA, D. A. **Intensificação do trabalho e saúde do professor.** Educação e Sociedade. V.30. n.107, Mai/Ago, 2009, p.349-372. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.ao?id=87313702003>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

BEHLAU, M. (org). **Voz: o livro do especialista. Disfonias Funcionais.** V.1. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. p.247-293.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE.** 2015. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 12 set.2015.

BUENO, J. G. S. **Crianças com Necessidades Educativas Especiais, Política Educacional e a Formação de Professores: Generalistas ou Especialistas?.** Educação On Line, Jan. 2011. Disponível em: <<http://www.educacaoonline.pro.br/index.php?>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

BOAS, D.C. V; FERREIRA, L. P; VIOLA, I. C **Professor especializado na área de deficiência visual: os sentidos da voz.** Rev.soc.bras.fonoaudiol. V. 17 n 1. São Paulo jan-mar, 2012. Disponível em Scielo: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1516-80342012000100017>>. Acesso em: 05 ago.2015.

CARLOTTO, M. S., CÂMARA, S. G. **Preditores da Síndrome de Burnout em professores.** Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional. V.11, n.1, jan-jun, 2007, p.101-110. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.ao?id=28232182820010>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

CODO, W.; MENEZES, I. V. **O que é Síndrome de Burnout?** Portal do Professor. Cap.13, 1999. Disponível em: <<http://www.portal-do-professor.mec.gov.br>>. Acesso em: 15 set.2015.

CORREIA, L. de M.; TONINI, A. **Avaliar para intervir: Um modelo educacional para alunos com necessidades especiais.** Revista Educação Especial, V.25, n.44. Universidade de Santa Maria/RS. Set-Dez, 2012, p.357-382. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.ao?id=31327406002>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

DAISY, C.O. dos S. **Potenciais, dificuldades e facilidades na educação de alunos com deficiência intelectual.** Educação e Pesquisa, V.38, n.4, Out-dez,

2012, pp.935-948. Universidade de São Paulo, Brasil. Disponível em:< <http://www.redalyc.org/a/articulo.oa?id=29824610007>>. Acesso em: 12 fev.2015.

FERREIRA, L. P.; BENEDETTI, P. H. **Condições de produção vocal de professores de deficientes auditivos**. Revista Cefac, V.9, n.1, jan-mar, 2007, p.79-89. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v9n1/v9n1a09>>. Acesso em: 05 ago. 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.
KARMAN, D. de F.; LANCMAN, Selma. **Professor: intensificação do trabalho e uso da voz**. vol.18. n.3, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2317-4312013000300005>. Acesso em: 08 set. 2015.

GOMES, L., BRITO, J. **Desafios e possibilidades ao trabalho docente e à sua relação com a saúde**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 6(1). Escola Nacional de Saúde Pública. 2006. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v6nl/artigos/PDF/v6nla05.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

MACIEL, D.A.; RAPOSO, M.B.T. **Metodologia e construção do conhecimento: contribuições para o estudo da inclusão**. In: MACIEL, D.A. BARBATO, S. Desenvolvimento, Educação e Inclusão Escolar. Brasília: Editora UnB, 2010, Cap.3, p. 73-88.

MARTINS, M. das G.T. **Sintomas de stress em professores brasileiros**. Revista Lusófona de Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia. n.10, Lisboa/Portugal, 2007, p.109-128. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=34911872009>>. Acesso em: 11 jul. 2015.

OLIVEIRA, J. V. **A importância da saúde vocal para profissionais**. Revista Espaço Aberto USP. Ed. 152. São Paulo, Ago, 2013. Disponível em: <<http://www.usp.br/espacoaberto/?materia=a-importancia-da-saude-vocal-para-profissionais>>. Acesso em 30 set. 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Conceito de Saúde**. Jan. 2011. Disponível em: <<http://conceito.de/saude#ixzz3nsw485Ye>>. Acesso em: 08 set. 2015.

PAIM, T. D; CARDOSO, A. D. **Avaliação da qualidade de vida dos docentes do ensino médio da rede pública de Orleans (SC)**. V Congresso Internacional de Educação Unibave, Orleans/SC, Jun-Jul, 2011. Disponível em: <SciELO univabe.net>. Acesso em: 04 ago. 2015.

PEREIRA, M. X. **Uma criança com desenvolvimento atípico: Momentos e contextos de aprendizagem**. Monografia. Faculdade de Educação. Universidade de Brasília – UnB, Distrito Federal, 2011. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/2276/1/2011_MarianaXavierPereira.pdf>. Acesso em: 29 set. 2015.

PROVENZANO, L. C. F. A.; SAMPAIO, T. M. M. **Prevalência de disfonia em professores do ensino público estadual afastados de sala de aula.** Revista CEFAC, Jan-Fev, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v12n1/a13v12n1>>. Acesso em 12 set. 2015.

RENZULLI, J. S. **Os módulos de enriquecimento são oportunidades de aprendizagem autêntica para crianças sobredotadas.** Boletim APEPICT, 2002, p.5-13. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab2.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2015.

ROSA, M. V. de F. P. do C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006. 112 p.

SCLIAR, M. **História do conceito de saúde.** Revista Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, 2007, p.29-41. Disponível em: <www.scielo.br/pd1/physis/V17n1203>. Acesso em 15 set. 2015.

SOUZA, T. Y.; BRANCO, A.M.C.A.; OLIVEIRA, M.C.S.L. **Pesquisa Qualitativa de Desenvolvimento Humano: Aspectos Históricos e Tendências Atuais.** Fractal: Revista de Psicologia, V.20, n.2, Jul./Dez. 2008, p.357-356.

ZACCARELLI, L. M.; GODOY, A. S. **Perspectivas do uso de diários nas pesquisas em organizações.** Cad. EBAPE. BR, v.8, n.3, Rio de Janeiro, Set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-39512010000300011>. Acesso em 15 set. 2015.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Entrevista realizada com professores

- 1) Qual o seu nome? Quantos anos você tem?
- 2) Onde trabalha?
- 3) Há quanto tempo leciona? Para qual ano ou anos?
- 4) Qual a sua formação?
- 5) Leciona como professor? Se da SR, leciona apenas com este tipo de aluno?
Se não há quanto tempo leciona?
- 6) Quantos dias e quantas horas semanais de trabalho?
- 7) Para quantos alunos leciona?
- 8) Já teve problemas com a sua voz? É frequente? O que sentiu?
- 9) O que considera como fatores que causam problema na sua voz?
- 10) Precisou afastar alguma vez por não poder usar a sua voz? Quanto tempo?
- 11) Usa algo para melhorar a voz? O que usa?
- 12) Quando tem problema com a voz vai ao médico? Qual?
- 13) Possui problemas de saúde? Qual? Usa medicamentos?
- 14) Qual tratamento realizou para a sua voz?
- 15) Considera o ambiente físico do trabalho adequado? O que verifica?
- 16) Como considera os aspectos emocionais no ambiente de trabalho?
Por quê?
- 17) Tem problema com a voz? Há quanto tempo vem ocorrendo?
- 18) Qual a sensação na garganta?

- 19) Como percebe a sua voz?
- 20) Há queixas das pessoas com relação à sua voz? Quais são elas?
- 21) Seus problemas vocais começaram como? De repente? De forma gradativa
alguns momentos a voz é boa e em outros é ruim? Crônico?
- 22) Sente que o ar está acabando quando está falando e mesmo assim continua
sua fala?
- 23) Sua voz melhora após o descanso vocal?
- 24) Faz aquecimento vocal antes de começar a usá-la de forma profissional?
Como é o aquecimento?
- 25) E o desaquecimento vocal após o uso da voz?
- 26) Você sabe dos cuidados necessários para manter sua voz saudável? Tendo
noção, quais são eles? Quando recebeu estas orientações?
- 27) Tem hábitos e vícios: ingerir álcool? Café? Fumo? Chocolate? Outros?
Todos os dias, quais? Algumas vezes na semana, quais?
- 28) Tem interesse em saber mais dados sobre os cuidados com a voz?

ANEXOS

ANEXO A – Aceite Institucional



Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde - PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Aceite Institucional

O (A) Sr./Sra. _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), da _____ (*nome da instituição*) está de acordo com a realização da _____ pesquisa

_____, de _____ responsabilidade do(a) _____ pesquisador(a) _____, aluna do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar no Instituto de Psicologia do Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano da Universidade de Brasília, realizado sob orientação da Prof. Doutor/Mestre. _____.

O estudo envolve a realização de _____ (*entrevistas, observações e filmagens etc*) do atendimento _____ (*local na instituição a ser pesquisado*) com _____ (*participantes da pesquisa*). A pesquisa terá a duração de _____ (*tempo de duração em dias*), com previsão de início em _____ e término em _____.

Eu, _____ (*nome completo do responsável pela instituição*), _____ (*cargo do(a) responsável do(a) nome completo da instituição onde os dados serão coletados*), declaro conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 196/96. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidade como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

_____ (local), ____/____/____ (data).

 Nome do (a) responsável pela instituição

 Assinatura e carimbo do(a) responsável pela instituição

ANEXO B – Carta de Apresentação

Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Programa de Pós-Graduação em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde PGPDS
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar

Da: Universidade de Brasília– UnB/Universidade Aberta do Brasil – UAB

Polo: _____

Para: o(a): Ilmo(a). Sr(a). Diretor(a) _____

Instituição: _____

Carta de Apresentação

Senhor (a), Diretor (a),

Estamos apresentando a V. S^a o(a) cursista pós-graduando(a)

_____ que está em processo de realização do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar.

É requisito parcial para a conclusão do curso, a realização de um estudo empírico sobre tema acerca da inclusão no contexto escolar, cujas estratégias metodológicas podem envolver: entrevista com professores, pais ou outros participantes; observação; e análise documental.

A realização desse trabalho tem como objetivo a formação continuada dos professores e profissionais da educação, subsidiando-os no desenvolvimento de uma prática pedagógica refletida e transformadora, tendo como consequência uma educação inclusiva.

Desde já agradecemos e nos colocamos a disposição de Vossa Senhoria para maiores esclarecimentos no telefone: (061) 3107-6911.

Atenciosamente,

 Coordenador(a) do Polo ou Professor(a)-Tutor(a) Presencial

Coordenadora Geral do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar: **Prof^a Dr^a Diva Albuquerque Maciel**

ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade de Brasília – UnB
 Instituto de Psicologia – IP
 Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento – PED
 Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão
 Escolar

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Senhor(a) Professor(a),

Sou orientando(a) do Curso de Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar, realizado pelo Instituto de Psicologia por meio da Universidade Aberta do Brasil/Universidade de Brasília (UAB-UnB) e estou realizando um estudo sobre _____. Assim, gostaria de consultá-lo(a) sobre seu interesse e disponibilidade de cooperar com a pesquisa.

Esclareço que este estudo poderá fornecer às instituições de ensino subsídios para o planejamento de atividades com vistas à promoção de condições favoráveis ao pleno desenvolvimento dos alunos em contextos inclusivos e, ainda, favorecer o processo de formação continuada dos professores nesse contexto de ensino.

A coleta de dados será realizada por meio de _____.
(explicitar todas as técnicas de coleta de dados: gravações em vídeo das situações cotidianas e rotineiras da escola; entrevistas, observações, questionários etc.)

Esclareço que a participação no estudo é voluntária e livre de qualquer remuneração ou benefício. Você poderá deixar a pesquisa a qualquer momento que desejar e isso não acarretará qualquer prejuízo ou alteração dos serviços disponibilizados pela escola. Asseguro-lhe que sua identificação não será divulgada em hipótese alguma e que os dados obtidos serão mantidos em total sigilo, sendo analisados coletivamente. Os dados provenientes de sua participação na pesquisa, tais como _____ *(explicitar instrumentos de coleta de dados)*, ficarão sob a guarda do pesquisador responsável pela pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre o estudo, o(a) senhor(a) poderá me contatar pelo telefone _____ ou no endereço eletrônico _____. Se tiver interesse em conhecer os resultados desta pesquisa, por favor, indique um e-mail de contato.

Este documento foi elaborado em duas vias, uma ficará com o(a) pesquisador(a) responsável pela pesquisa e a outra com o senhor(a).

Agradeço antecipadamente sua atenção e colaboração.

Respeitosamente.

 Assinatura do Pesquisador

 Assinatura do Professor

Nome do Professor: _____ E-mail(opcional): _____